NO TEMPO DE NOSSOS AVÓS

O PRESTÍGIO DO NOME

ISMAEL PORDEUS

O prestígio social ou político, econômico ou financeiro de um cidadão residente ou estabelecido, nesta ou naquela rua, em beco tal ou travessa qual, eis quanto bastava para que essa via pública viesse a ser mais conhecida no seio do povo. E daí resultar que o logradouro, também, tivesse de perder, em grande parte, a sua onomástica aprovada pela Câmara Municipal, tornando-se mais notório pelo nome da pessoa de destaque que ali tinha sua casa de morada quando não seu estabelecimento de negócios.

Tão arraigado era êsse costume, entre a população de Fortaleza, que até os responsáveis por préstitos religiosos davam ciência aos habitantes da cidade dos itinerários através de publicações na imprensa, dizendo que a procissão passaria em frente à casa de fulano, entraria no beco de sicrano e iria percorrer a rua onde morava beltrano.

Indicações assim anunciadas demonstravam, de maneira clara e insofismável, a influência daqueles cidadãos no seio da sociedade de nossa Capital.

Para aquilatarmos o grau dêsse prestígio que deitou fortes raízes no seio dos hábitos da cidade, a ponto de quase anular a nomenclatura oficial de muitas vias públicas, vamos transcrever alguns documentos onde veremos que aquela importância social sempre se fazia sentir quando se anunciava o percurso a que iria obedecer qualquer cortejo.

Iniciemos com o programa da festa e procissão de São Bernardo, no dia 20 de agôsto de 1858:

> «Neste dia às 10 horas da manhã, principiará a missa solene de 3 padres; a procissão será às 4 horas da tarde, levará os andores da Senhora do Bom Parto e S. Bernardo a Irmandade de S. José, a do Patrocínio e de S. Sebastião a do Livramento e de S. Roque, a do Rosário o de S. Benedito, seu trânsito será... pelo beco que fica em frente à capela, em seguida a Rua do Sr. Capitão Justa, a entrar no beco do Sr. Machado, em seguida até o do Sr. Fonseca, e daí ao Largo Carolina, a entrar no beco do Sr. João Crisóstomo, em seguida pela rua do Sr. Comandante Superior Pacheco, a entrar no beco do Sr. Paes Pinto, subindo a rua do Sr. Garcia, e daí a Igreja.
>
> O Diretor.
> Bernardo José de Melo».
> («O Cearense», Fortaleza, 17 de agôsto de 1858).

A não ser a citação do Largo ou Praça da Carolina, no itinerário previsto para a procissão do Patriarca São Bernardo não há outra qualquer indicação de via pública de Fortaleza. Ao invés da nomenclatura oficial o que se vê anunciado é a rua de fulano, são os becos de beltrano e sicrano.

Hoje, seria quase impossível identificar o percurso a que obedeceu aquele cortejo religioso com seus andores e irmandades.

Outro documento que nos fala daquele costume é a nota publicada no jornal «A Constituição» pelo Vigário Interino da Catedral sôbre o itinerário da procissão do encerramento do mês mariano, no ano de 1864.

«ANÚNCIO

Hoje às 4 horas da tarde sairá em procissão a imagem da Santíssima Virgem, conduzida pelos fiéis, em conclusão dos exercícios devotos do presente mês, dedicado à mesma Senhora, cuja direção será a seguinte: sairá da igreja Catedral pela rua de baixo, a entrar na Praça do Garrote pela travessa que existe adiante da casa do Sr. Cônsul Gouveia, e daí prosseguirá em procura da Praça da Municipalidade, a passar na frente do Sr. Feijó, em cuja travessa entrará em direção do Palácio Episcopal, prolongando-se pela rua abaixo a voltar na quina do Sr. Cônsul Rocha Júnior, em procura da frente do Sr. Barbosa, e daí entrará na travessa mais próxima, que é a do Sr. Santos, encaminhando-se à casa da Carolina, a passar na frente do Sr. Paes Pinto, voltando adiante à Sé.

Fortaleza, 31 de maio de 1864.

João Leite de Oliveira, Vigário interino.»

(«A Constituição», Fortaleza, 31 de maio de 1864.»

«O Sol», jornal de Pedro Pereira Guimarães e que fazia acre oposição à Câmara de Vereadores de então, aproveitou aquele anúncio para vergastar o legislativo municipal, dizendo que as ruas e travessas da Capital não tinham nomes escritos, nem as casas numeração, como se observava nas outras cidades, de sorte que disso resultava a publicação de notas como aquela. E acrescenta:

«Pois então a cidade da Fortaleza é aí uma povoaçãozita de meia xicara para se publicar um anúncio, dizendo-se que a procissão da Santíssima Virgem, passa na frente dêste ou daquele, na quina de João Fernandes ou de Lopo Barriga? Pois paga-se mensalmente a um zelador ou lesador para podar de 6 em 6 meses as árvores de tal e tal praça, e não se denominam as ruas, praças e travessas, nem se numeram as casas para se não andar às tontas, sem saberem os forasteiros por onde vem ou vão, batendo a uma e outra porta, para que lhe digam, onde mora o Rata-prenhe ou o Duoter-vil? Que não dirão os que são judiados por amor desta negligência culposa da Câmara, Dirão: o Ceará sempre é uma terra, onde quando se quer saber a casa de alguém, se lhe responde — vá pela frente do Feijó, dobre na travessa do Paes Pinto, siga por ela, quebre na quina do velho Almeida, e pergunte aí em uma venda, que tem um chifre muito grande na porta, e lhe dirão a casa, que fica aí perto. E sai guiado por êste roteiro, que lhe esquece a poucos minutos, e eis o homem de nôvo a inquirir, e a receber iguais itinerários. Ah Câmara!... Câmara!... Eis aí como concorres para a degradação e achincalhamento da Capital. Basta: vejam os leitores o anúncio, e conosco exclamem — maldito o ventre, que pariu esta novena em 1860.»

A Câmara Municipal de então era composta de nove vereadores que tinham sido eleitos em fins de 1860.

Não nos parece que a culpa devesse caber à Câmara de Vereadores. O costume de se anunciar o trajeto de um cortejo dizendo que êste passaria na rua ou travessa onde morava êsse ou aquêle cidadão era velho e demonstra que o povo identificava melhor assim os lugares por onde deveria seguir, do que se houvesse apenas a enunciação dos nomes das vias públicas.

A êsse uso não escapou a nota que o Vigário Carlos Augusto Peixoto de Alencar, de acôrdo com a Câmara, fêz publicar indicando o itinerário que o primeiro Bispo do Ceará — Dom Luís Antônio dos Santos, deveria percorrer no dia de sua chegada a Fortaleza, no trecho compreendido entre a Catedral e o Palácio Diocesano:

> «Saindo da Catedral seguirá pelo beco da casa do Sr. Vasconcelos e Quartel da Guarda Nacional, e daí subirá pela Rua da Boa Vista, e entrar no beco do falecido Sr. Antônio Nunes de Melo até a Rua da Palma, pela qual subirá até o beco da casa do falecido Sr. Major Facundo pela qual seguirá até sair na do Palácio Episcopal.»
> («Pedro II», Fortaleza, 5 de setembro de 1861.)

Anote-se que o Major Facundo, há cêrca de vinte anos havia falecido e a casa onde morava ainda era indicada em substituição à denominação oficial da via pública, ou seja, a então Travessa das Belas — hoje Rua São Paulo.

Deixemos com os estudiosos a interpretação sociológica dêsse costume do tempo de nossos avós.

«O Nordeste» — Fortaleza, 10-11-63.